

Gorberg, Marissa (2019) *Belmonte: caricaturas dos anos 1920*. FGV Editora: Rio de Janeiro, 216pp. (ISBN 978-85-225-2185-2). Brochura.

Rosane Feijão

As revistas ilustradas do início do século XX têm sido tomadas como objeto de estudo – por historiadores, comunicadores e designers, entre outros – por se configurarem como uma rica fonte de informações sobre a época em que foram publicadas. No entanto, a importância de tais periódicos para a pesquisa histórica vai muito além dos simples registros de acontecimentos: segundo Paulo Knauss, a tendência da historiografia recente é reconhecer que as informações veiculadas pela imprensa “não devem ser tratadas como verdades, mas como representações acerca das questões do seu tempo” (Knauss et al., 2011, p. 08). É justamente nesse sentido que parece ter se desenvolvido a pesquisa de Marissa Gorberg para compor o livro *Belmonte: caricaturas dos anos 1920*, sobre Benedito Carneiro Bastos Barreto, o caricaturista Belmonte. Gorberg toma as imagens por ele produzidas e publicadas nas revistas cariocas *Careta* e *Frou-Frou* entre os anos de 1923 e 1927, como um conjunto de representações que desdobram as sensibilidades de um período de grandes transformações.

O resultado dessa empreitada é um amplo panorama das tensões e dissonâncias, dos encontros e embates ocorridos naquele período a partir de imagens que colocam em evidência os ideais de modernidade cultuados por grande parte da sociedade carioca naquele período e que, pela via do humor, faziam refletir sobre os novos valores que vinham reformatando os comportamentos desde a virada para o século XX. O livro que traz na capa uma das melindrosas desenhadas por Belmonte é, portanto, muito mais do que uma coletânea de ilustrações: Gorberg aborda os temas mais emblemáticos dos anos 1920, compondo uma narrativa pontuada pelas cenas protagonizadas pelas personagens criadas pelo olhar atento do artista, que as fazia emergir do papel, “estetizando os dados que recolhia em sua observação do cotidiano” (Gorberg, 2019, p. 20). A autora nos apresenta sua pesquisa, desenvolvida no âmbito de Doutorado em História, Política e Bens Culturais na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, em uma linguagem fluida e acessível, lançando mão de expressões coloquiais e espirituosas, pouco usuais no mundo acadêmico, mas em perfeita sintonia com seu objeto de estudo.

As páginas dedicadas a narrar a trajetória pessoal e profissional de Belmonte, concentradas no capítulo introdutório, nos permitem descobrir uma personalidade complexa, que ora dava voz ao movimento feminista – “sua personagem Giloca externava o apoio ao voto feminino” (p. 38) – , ora alimentava os temores das camadas mais

conservadoras com imagens de mulheres dominadoras, até mesmo agressivas nas relações com o sexo oposto. Coisas de um artista difícil de rotular que, mesmo sendo integrante da vanguarda teatral e cinéfila, criticou a Semana de Arte Moderna de 1922 e se aproximou do grupo ligado ao “Movimento Literário Verde-Amarelo”, face conservadora do movimento modernista em São Paulo durante a década de 1920. Gorberg destaca também um outro “aspecto peculiar” da trajetória de Belmonte: “sua agência no Deip¹, um órgão do mesmo governo ditatorial que havia censurado suas caricaturas” (p. 39).

A autora empreende suas análises seguindo não somente os passos de Belmonte, mas também os de cronistas e escritores que, como ele, tiravam da cidade e do ritmo vertiginoso da modernidade a matéria prima para suas obras. Entre eles, merece destaque Benjamin Costallat, tanto pelo número de citações como pelo paralelo que se pode traçar entre o lugar que foi destinado a ambos na história: tanto as crônicas de Costallat quanto as caricaturas de Belmonte, embora “ruidosas na recepção que provavelmente encontravam junto aos leitores, permaneceram adormecidas nas páginas das revistas, resquícios de uma época que já se foi” (p. 22). O trabalho de Gorberg tem, portanto e ainda, a virtude de trazer para o centro da cena figuras pouco conhecidas, que haviam sido “deixadas pra trás” pelas gerações mais recentes.

Romances hoje pouco conhecidos, como *Mademoiselle Cinema*, lançado em 1923 (Costallat, 1999), e *Praia de Ipanema*, de 1927 (Freire Filho, 2000), são exemplos de sucessos editoriais de suas épocas. Deles emergia uma atmosfera cosmopolita, povoada por personagens libertários, transgressores, que ora protagonizavam aventuras sexuais, nas quais, muitas vezes, faziam uso intensivo de álcool e drogas, ora eram apresentados em atividades esportivas ou a bordo de velozes automóveis. As charges veiculadas nas revistas ilustradas da época são um pouco mais comedidas, mas nem por isso deixam de tocar em assuntos semelhantes e se mostram muitas vezes, tal qual os romances acima citados, impregnadas de uma sensualidade explícita.

Não poderia ser diferente: as revistas ilustradas do início do século XX – categoria em que se enquadram as duas revistas tomadas como fonte – discutiam intensamente a adoção, pela sociedade carioca, dos novos hábitos que afrontavam a moral tradicional herdada do século XIX. As cenas desenhadas por Belmonte, como as que podemos ver no primeiro capítulo, alimentavam as polêmicas que incendiavam a opinião pública da época ao mesmo tempo que expunham, pela via do humor, a hipocrisia presente nas relações conjugais, o apelo e a inútil resistência aos ritmos dançantes advindos da cultura negra norte-americana, o escândalo e o fascínio das pernas desnudas introduzidas no espetáculo

¹ Deip: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, do governo de Getúlio Vargas, onde Belmonte ocupou os cargos de redator e assistente-técnico de Festejos Populares.

da companhia de teatro francesa Ba-Ta-Clan.

O humor muito particular de Belmonte, no entanto, não se limitou aos aspectos mais leves do cotidiano da cidade. Podemos acompanhar, no segundo capítulo, como o artista, sensível e atento às injustiças sociais, retratou a heterogeneidade de condições de vida nos espaços públicos, tornando visíveis, ao menos em suas ilustrações, indivíduos marginalizados e perseguidos pela polícia civilizatória da época. São muitas as charges, nos conta Gorberg, em que Belmonte insere a figura do mendigo, retratado como um elemento inconveniente, mas frequentemente dotado de certa sabedoria e dignidade que contrastavam com seu corpo malcuidado, coberto por trajes esfarrapados, ora grandes ora pequenos demais para sua estatura.

A figura da melindrosa brilha no terceiro capítulo, dedicado às relações de gênero, um tema inevitável para quem se embrenha pelo estudo dos anos 1920. Tais questões se mostram diretamente ligadas às conquistas das mulheres que, tanto na aparência, ao cortarem os cabelos, mantidos longuíssimos por séculos, quanto no comportamento, ao adotarem hábitos até então exclusivos da esfera masculina, inauguraram novas formas de feminilidade e de relacionamentos interpessoais. A imagem que se construía da nova mulher era tão fascinante que frequentemente – e não somente por Belmonte – ela era representada ampliada em relação à figura masculina: os homens apareciam pequenos como bonecos, dominados por mulheres muito maiores, poderosas, que encaravam com segurança o olhar do leitor que as examinava.

Mesmo nas charges em que abordava questões sociais, Belmonte não abandona dois elementos chaves de suas ilustrações: a caracterização cuidadosa das personagens, que, quando pertencentes às classes mais ricas, apresentam figurinos elaborados em perfeita consonância com a moda, e o cenário urbano, moderno, que tanto poderia ser representado por moradias em estilo bangalô – desejo de consumo das classes mais abastadas naquele período – como pelo skyline que por vezes surgia ao fundo, sugerindo uma cidade densamente construída.

Talvez por influência de seu mestre J. Carlos, Belmonte desenvolveu uma percepção aguçada da moda – tema do quarto capítulo – e, também como J. Carlos, não se furtava a fazer projeções para um futuro não muito distante, no qual os corpos deambulariam mais livres e desnudos pela cidade e as diferenças entre os gêneros se tornariam menos nítidas. Enquanto isso não acontecia, Belmonte continuava criando situações e personagens que produziam, ao mesmo tempo, identificação e estranhamento por parte do público, em uma espécie de jogo de espelhos: ao mesmo tempo que as charges e caricaturas criadas pelo artista eram uma representação do real – carregada nas cores, como pedem as produções humorísticas – o consumo dessas imagens influenciavam os leitores de tal forma que eram

capazes de imprimir modificações em seus comportamentos, fazendo deles o espelho do espelho (Sodré, 2010, p. 28).

A leitura do livro de Marissa Gorberg, além de nos encher os olhos com uma diagramação primorosa e imagens reproduzidas de tal forma que permitem a apreciação de detalhes do traço do artista, proporciona ao leitor um mergulho no ambiente e nos costumes do Rio de Janeiro durante os anos 1920, constituindo-se, assim, como uma obra de consulta não apenas sobre Belmonte, mas também sobre a imprensa, a moda e os costumes do início do século XX.

Obras citadas

Costallat, B. (1925) *Mlle Cinema*. 5. ed. Rio de Janeiro: Benjamin Costallat & Miccolis Editores.

Freyre Filho, T. (2000) *Praia de Ipanema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Dantes.

Knauss, P. et al. (2011) *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ.

Sodré, M. (2010) *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.